



SEÇÃO: VARIA

## A intriga da carne desde Michel Henry e Merleau-Ponty

*The flesh's intrigue from Michel Henry and Merleau-Ponty*

**Paulo Henrique**

**Carboni<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-9456-4004](https://orcid.org/0000-0002-9456-4004)

[paolocarboni@outlook.com](mailto:paolocarboni@outlook.com)

**Recebido em:** 1 nov. 2019.

**Aprovado em:** 29 nov. 2020.

**Publicado em:** 02 set. 2021.

**Resumo:** Este artigo apresenta os conceitos de corpo e de carne desde as filosofias de M. Merleau-Ponty e Michel Henry. Os dois filósofos destacaram-se por retomar este tema na tradição contemporânea, estabelecendo os contornos de uma filosofia do corpo e da carne. Sendo assim, buscou-se evidenciar os principais conceitos onde há divergência entre os filósofos, apontando a intriga estabelecida na compreensão da carne como estrutura ontológica.

**Palavras-chave:** Carne. Corpo. Fenomenologia. Ontologia.

**Abstract:** This article show us the concepts of body and flesh from the philosophies of M. Merleau-Ponty and Michel Henry. Both philosophers stood out for retaking this theme in the contemporary tradition, establishing the contours of a philosophy of the body and the flesh. Therefore, the main concepts where there is divergence were highlighted topointing the intrigue established in the understanding of the flesh as an ontological structure.

**Keywords:** Flesh. Body. Phenomenology. Ontology.

### Introdução

A filosofia não cessa de se questionar. Lugar comum da experiência do labor pensante, uma e outra corrente filosófica que propõe uma descrição ou uma análise da realidade continuam vivas à medida em que elas mesmas se colocam no centro de seus questionamentos. É assim que a fenomenologia, movimento filosófico iniciado por Edmund Husserl (1859-1938), procurou esclarecer a realidade a partir dos fenômenos mesmos.

Contudo, os trabalhos não terminaram com os escritos de Husserl. Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Michel Henry (1922-2002) resgataram a fenomenologia para o seu aprimoramento na exigência filosófica dos seus escritos. Seja para extrair as suas oportunidades, ou para oferecer uma pós-crítica ao próprio movimento intencional de uma consciência que se dirige ao mundo fenomênico.

Os escritos sobre o corpo, desde a diferença já estabelecida em Husserl enquanto corpo-vivido, ecoam nestas filosofias mais contemporâneas. Parece que a preocupação atual da fenomenologia se ocupou, em boa parte, de uma tratativa sobre os aspectos que sondam a compreensão de que somos corpo.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

É neste sentido que a contribuição de Merleau-Ponty é singular ao oferecer à filosofia a compreensão de corpo-próprio. Ao mesmo tempo, Michel Henry também se ocupou de um pensamento sobre o corpo humano, mas desde outra mirada filosófica.

A exigência filosófica levou o pensamento até uma forma mais radical, e é neste movimento que aparecem o tema de nosso trabalho: a carne. Tanto Michel Henry quanto Merleau-Ponty encontraram na carnalidade uma melhor compreensão da realidade sensível ou da própria Vida.

Ainda assim, restam-nos questões da abordagem de cada filósofo. De um lado, o quiasma identificado por Merleau-Ponty está inteiramente ligado ao mundo. Assim, carne e mundo se entrelaçam a tal ponto que há uma carnalidade do mundo que também compõe a subjetividade. De outro lado, Michel Henry tece crítica ao trabalho de Merleau-Ponty por restar certo monismo ontológico pela compreensão de corpo e da sensibilidade atados em uma existência. Na compreensão henryana, o pensamento de Merleau-Ponty perde a relação que se estabelece de maneira mais originária no sentir-se a si mesmo.

A intriga estabelecida pode oferecer-nos uma compreensão crítica da temática da carne e, a partir disso, poder esboçar uma filosofia encarnada que dá a pensar a ontologia e outros temas filosóficos.

### Merleau-Ponty e o corpo próprio

Em *Fenomenologia da Percepção* (2018), Merleau-Ponty intenta uma compreensão do corpo que esteja além (e aquém) das compreensões biológicas e objetivas. O corpo não pode ser entendido desde um olhar *partes extra partes* que as ciências e uma filosofia reflexiva intencionam. A herança do corpo como prisão da alma, ou a primazia do *cogito* onde o corpo se apresenta como *res extensa*, não conseguem responder à complexidade da relação do corpo com o mundo.

Edmund Husserl já apontara o problema nos escritos de *Ideias II* onde anuncia a diferenciação

estabelecida entre *Körper* e *Leib*. Corpo objetivado e corpo-vivido, respectivamente.<sup>2</sup> Merleau-Ponty acolhe essa diferenciação e anuncia o corpo enquanto "veículo de ser no mundo".<sup>3</sup> O sentido que se encontra a partir de uma filosofia do corpo é aquele onde o corpo não é apenas mais um objeto entre outros. Sua constituição é distinta, e é a partir dele que toda experiência pode acontecer.

A relação que se apresenta então é entre corpo e existência. Em outras palavras, corpo e mundo são tematizados na filosofia de Merleau-Ponty. O corpo-próprio se apresenta como a possibilidade desta relação estabelecida com o mundo, ao mesmo tempo em que o mundo é entendido desde a imbricação do corpo.

"Corpo fenomenal" ou "corpo-próprio", que a um só tempo é "eu" e "meu", no qual me apreendo como exterioridade de uma interioridade, ou interioridade de uma exterioridade, que aparece para si próprio fazendo aparecer o mundo [...], que não pode se fechar numa pura interioridade.<sup>4</sup>

Merleau-Ponty nos apresenta a ambiguidade onde estes dois elementos (corpo e mundo) estão emaranhados. Para isso, ao tematizar o corpo em *Fenomenologia da Percepção*, o filósofo resgata as compreensões mecanicistas e intelectuais sobre o corpo e as analisa juntamente com duas doenças descritas na literatura médica: membros-fantasma e a anosognose.

Estas doenças, comuns no período da guerra e do pós-guerra, serviram de exemplo ao filósofo para mostrar que não basta uma compreensão objetivada na experiência corporal. Antes de ser uma relação com o vivido, tal qual a compreensão de *Leib* em Husserl, Merleau-Ponty quer apontar para a relação entre corpo e mundo como origem e destino de nossa vivência. Para o filósofo, a relação que se dá entre corpo e mundo é mais originária do que com os estados vividos, intencionalidades ou compreensões objetivadas pela ciência.

É preciso passar de um conhecimento dos fatos psicológicos e fisiológicos a um reconhecimento do acontecimento anímico como processo vital inerente à nossa existência. [...] A união entre

<sup>2</sup> CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 151.

<sup>3</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2018. p. 122.

<sup>4</sup> DUPOND, P. *Vocabulário de Merleau-Ponty*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 12.

alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência.<sup>5</sup>

Merleau-Ponty ata o corpo à existência e não à psicologia ou na fisiologia clássica. "A experiência do braço amputado como presente ou a do braço doente como ausente não são da ordem do "eu penso que..."<sup>6</sup> Logo, nenhuma *cogitatio* pode reduzir esta atadura do corpo ao mundo e do mundo ao corpo. Seu entrelaçamento, ou esta ambiguidade que se nos mostra, é a característica fundante da experiência de ser corpo. "O interior e o exterior são inseparáveis. O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim".<sup>7</sup> O vivido é que se desdobra pelo corpo-próprio, ao mesmo passo em que é pelo corpo que o mundo é percebido.

Nossa relação com as coisas não é uma relação distante, cada uma fala ao nosso corpo e à nossa vida, elas estão revestidas de características humanas (dóceis, doces, hostis, resistentes) e, inversamente, vivem em nós como tantos emblemas das condutas que amamos ou detestamos. O homem está investido nas coisas, e as coisas estão investidas nele.<sup>8</sup>

A condição ambígua presente na filosofia de Merleau-Ponty também pode ser descrita pela relação tocante/tocado. O filósofo nos mostra que quando experimentamos o toque de uma mão à outra, por exemplo, a relação que se estabelece entre o tocante e o tocado não é tão clara quanto a compreensão reflexiva de um sujeito e de um objeto separados poderia requerer. Uma vez que a minha mão direita toca a minha mão esquerda, há uma alternância entre o tocante que passa a ser tocado e vice-versa, sem que haja limites definidos de quem é o sujeito e quem é o objeto da ação.

Quando pressiono minhas mãos uma contra a outra, não se trata de duas sensações que eu sentiria em conjunto, como se percebem dois objetos justapostos, mas de uma organização ambígua em que as duas mãos podem alternar-se na função de "tocante" e de "tocada".<sup>9</sup>

Vê-se, portanto, que o entrelaçamento do corpo-próprio ao mundo acontece em uma relação ambígua, onde o corpo não pode ser mais reduzido à mera compreensão de uma *res extensa*, ou como um objeto da compreensão explicativa das ciências. O corpo-próprio acontece, enquanto evento, no emaranhado da existência, em sua relação com o mundo percebido.

### Do corpo próprio à carne do mundo

A condição ambígua continua a povoar o pensamento de Merleau-Ponty. Em seus últimos escritos o filósofo evoca um termo que traz à tona certo caráter mais primário do que aquele demonstrado através da percepção. Presente, sobretudo, em seu escrito publicado *post mortem*, *O Visível e o Invisível* (1971), a carne é o elemento que Merleau-Ponty faz uso para poder revisitar a sua obra sobre a percepção e, mais ainda, aprofundar o seu pensamento desde uma *nouvelle ontologie*.

Como visto, o corpo-próprio é próprio enquanto sensível ao mundo e em sua reversibilidade (ou seja, poderíamos dizer que o corpo-próprio é sensível ao mundo e é sensível do mundo). Posto em questão a alteridade intercorporal, qual é, pois, a relação que se estabelece entre dois corpos distintos? Ou ainda, qual poderia ser a estrutura na qual se desvela o encontro entre dois corpos? "Onde colocar o limite do corpo e do mundo, já que o mundo é carne?"<sup>10</sup> Estas são questões de pano de fundo merleau-pontyano ao se debruçar sobre a carnalidade. Em *O Visível e o Invisível*, o filósofo resgata a ideia de um corpo encarnado para dar um passo aquém daquilo que foi possibilitado pela percepção. Em outras palavras, a carne será tomada como a estrutura do sensível, e de maneira mais fundamental que nos primeiros escritos, a reversibilidade da carne sensível no corpo e no mundo.

Ora, essa generalidade que faz a unidade de meu corpo, por que não se abriria ela a outros

<sup>5</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2018. p. 131

<sup>6</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2018. p. 121.

<sup>7</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2018. p. 546.

<sup>8</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Conversas - 1948*. Tradução de Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 24.

<sup>9</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2018. p. 137.

<sup>10</sup> MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. Tradução de José Artur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 134.

corpos? O aperto de mãos também é reversível, posso sentir-me tocado ao mesmo tempo em que toco [...]. Por que não existiria a sinergia entre diferentes organismos?<sup>11</sup>

Não se trata mais de alocar no corpo, ou em qualquer resquício de uma consciência operante e ativa, a qualidade do sensível. A primazia do que se doa enquanto sensível reside na própria estrutura do Ser que é carnalidade. A carne é entendida desde seu estatuto ontológico, o que significa dizer que ela é o estofo de tudo aquilo que existe. Merleau-Ponty resgata a compreensão pré-socrática da *arché* para evidenciar este princípio geral, primitivo e originário.

A carne não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, o velho termo "elemento", no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma *coisa geral*, meio caminho entre o indivíduo espaciotemporal e a ideia, espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. [...] a carne é um "elemento" do Ser.<sup>12</sup>

Há, desde então, uma radical compreensão da relação entre corpo e mundo que não está fundada na fé perceptiva, mas no entrelaçamento (quiasma) da carne. Aquilo que era da ordem do ver, ou de um corpo que vê, passa a ser a estrutura fundamental do entrelaçamento com o mundo. Não está situado no ato perceptivo do ver o entrecruzamento, mas é característica própria do Ser o quiasma estabelecido entre a carne e o mundo que sente e são sentidos. Abre-se, desde aqui, a *nouvelle ontologie* da carne em Merleau-Ponty.

### Michel Henry e a filosofia encarnada

Outro filósofo que se dispõe ao pensamento da carne e do corpo é Michel Henry. Sua filosofia também é crítica a uma compreensão objetivada da experiência corporal. Seu pensamento busca conduzir àquilo que é primordial, de uma espécie de ordem originária do existir, e que até mesmo se confunde com o próprio existir. É a Vida que Michel

Henry encontra como aquele movimento inicial e doador originário de tudo o que se fenomeniza no horizonte humano. Tal originalidade se desvela além e aquém da experiência corpórea. Este pensamento é tão radical que se desdobra em uma carnalidade originária, em uma afetividade originária, em um Si originário, tudo envolvido no extremo movimento passivo da Vida originária.

Para melhor compreender a filosofia henryana, é importante desvelar qualquer espécie de compreensão *a posteriori* do que é a Vida, como seria o caso do pensamento científico, por exemplo. Quando seu pensamento se depara com a questão do corpo, Michel Henry se propõe a pensar o corpo enquanto subjetivo. Isto porque os corpos enquanto *res extensa* não tratam daquilo que é fundamentalmente humano: o sentir-se tocado quando se toca, o sentir-se afetado por...

Michel Henry circunscreve na ação do Ego o corpo subjetivo. Isto se dá pelas próprias capacidades do Ego enquanto possuidor daquela característica fundamental do *eu posso*. Em *Eu sou a Verdade – Por uma Filosofia do Cristianismo* (2015), o filósofo compõe esse movimento até à concepção do Ego, desde sua diferenciação com o Si, participante daquilo que se traduz enquanto Eu.

Eu e ego, com efeito, não são a mesma coisa, ainda que o pensamento clássico deslize de um para o outro na mais extrema confusão e sem sequer ver que há, nesta dupla designação do Si, e por mais constante que seja, ao menos um problema. "Eu" diz o Si gerado na Ipseidade original da Vida, mas o diz no acusativo.<sup>13</sup>

Este Eu sob o qual constantemente nos reconhecemos é dado e gerado na própria doação da Vida. Por isso é que o Si pode dizer deste Eu no acusativo, enquanto um *me*. "Eu *me*..." dá a tônica deste movimento.

Diferente deste acusativo do Eu enquanto *me*, o Eu também se reconhece enquanto um *eu posso*... E é aqui que se diferencia o Ego. Para Michel Henry, o Ego é o Eu enquanto possibilidade de... E isto é formado por diferentes componentes. De um lado, os poderes corporais, ligados à questão

<sup>11</sup> MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. Tradução de José Artur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971. p.138.

<sup>12</sup> MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. Tradução de José Artur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 136.

<sup>13</sup> HENRY, M. *Eu sou a Verdade – Por uma Filosofia do Cristianismo*. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2015. p. 194.

cinestésica; e de outro os poderes espirituais, que são da ordem do desejo, das imagens e das ideias.<sup>14</sup> Este mosaico compõe aquilo que entendemos como característica principal do Ego, ou seja, o *eu posso* de nossa experiência humana.

Esta diferenciação estabelecida é fundamental para podermos compreender em qual situação Michel Henry entende o corpo. Ao mesmo tempo, é por esta diferença do Ego e do Si que será possível realocar o corpo desde aquilo que lhe é mais original: a carne.

O filósofo chega a afirmar que "carne e corpo se opõem como o sentir e o não sentir".<sup>15</sup> Esta divisão estabelecida entre a carne e o corpo acontece pela mesma diferenciação que há entre o Ego e o Si. Assim, Michel Henry diferencia o corpo na medida em que este significa a *res extensa* sob a qual estão todos os corpos do mundo, objetos da ciência e, também, o nosso próprio corpo. Para podermos falar daquele corpo (nosso corpo) onde se inscrevem os afetos e as sensações, é que Henry busca o termo da carne para dar razão a este "corpo qualificado".

Esta diferenciação acontece porque o filósofo quer evitar qualquer tipo de sincronismo com a redução científica, o movimento "galileano",<sup>16</sup> de compreender a realidade em uma estrutura geométrica e objetivada.

Tal corpo enquanto coisa física não sente nem experimenta nada. Ele não se sente nem se experimenta a si mesmo, não se ama nem se deseja. Nem, menos ainda, sente ou experimenta, ama ou deseja nenhuma das coisas que o cercam. [...] O próprio de um corpo como o nosso, ao contrário, é que ele sente cada objeto próximo de si; percebe cada uma de suas qualidades [...].<sup>17</sup>

Sendo assim, o próprio de nosso corpo é o fato de que ele é um corpo encarnado. A radicalidade de nosso corpo é a carne, e esta sim é mais original, aquém de uma representação, de uma intencionalidade, de uma objetificação. A carne original é possível de ser afetada (e de se afetar), pois

Seres encarnados são seres padecentes, atravessados pelo desejo e pelo medo, e que sentem toda a série de impressões ligadas à carne porque estas são constitutivas de sua substância – uma substância impressional, portanto, *que começa e termina o que experimenta*.<sup>18</sup>

De maneira geral, podemos resgatar do pensamento henryano que aquilo a que damos o nome de corpo está situado na esfera de um Ego, enquanto este Ego é aquele movimento de um Eu entendido como *eu posso*. O componente corporal que constitui o Ego pode mover-se, pode alterar-se, pode cansar-se etc. Diferentemente, mas atada à experiência corpórea, está a carne. Essa é quem (ou aquilo que) pode sofrer (-se), ser afetada pela Ipseidade original da Vida.

### Carne originária e doação da Vida originária segundo Michel Henry

Todo o trabalho de Michel Henry é na intenção de uma fenomenologia da Vida. Isso se traduz na busca daquela originariedade pelo qual acontece o aparecer, e de onde tudo pode se mostrar. Esta fineza de sua crítica à fenomenologia clássica é a oposição a qualquer tipo de intencionalidade diante de algo secundário, gerido no tempo ou compreendido pela objetividade. Assim, o mundo e aquilo que ele nos mostra é de uma ordem secundária para o pensamento de Henry.<sup>19</sup>

A Vida é o que o filósofo entende por aquele movimento original, a Vida absoluta, a Vida que nos atravessa. Nada pode haver fora da Vida, assim como nenhum acesso a ela acontece fora do Si-mesmo. É a invisibilidade da Vida que nos permeia, e é desta invisibilidade que Michel Henry intenta sua fenomenologia.

É a Vida originária que em seu *pathos* sofre, padece em si mesma e, assim, se doa no desvelar de si-mesma. A Vida será este movimento que encharca tudo o que há. É, em última análise, o princípio e o fundamento ontológico.

<sup>14</sup> HENRY, M. *Eu sou a Verdade* – Por uma Filosofia do Cristianismo. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2015. p. 195.

<sup>15</sup> HENRY, M. *Encarnação* – Uma Filosofia da Carne. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 13.

<sup>16</sup> HENRY, M. *Encarnação* – Uma Filosofia da Carne. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 146.

<sup>17</sup> HENRY, M. *Encarnação* – Uma Filosofia da Carne. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 12.

<sup>18</sup> HENRY, M. *Encarnação* – Uma Filosofia da Carne. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 13. grifo do autor.

<sup>19</sup> HENRY, M. *Encarnação* – Uma Filosofia da Carne. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 140.

Em sua Arqui-inteligibilidade, a Vida vem a si antes de todo o pensamento, tem acesso a si mesma sem pensamento. E é por isso que nenhum pensamento permite chegar a ela. Nenhum pensamento permite viver. Arqui-inteligibilidade quer dizer, então, uma Inteligibilidade que precede a tudo o que, desde a Grécia, ouvimos sob este termo – que precede a qualquer contemplação, a qualquer abertura de um "espaço" a que um ver possa abrir-se. Uma Inteligibilidade que, tendo-se revelado a si antes de qualquer pensamento e independentemente dele, não lhe deve nada, não deve senão a si mesma o revelar-se a si. Uma Arqui-inteligibilidade que é uma Autointeligibilidade, uma autorrevelação neste sentido radical: a Vida.<sup>20</sup>

O movimento próprio da Vida é esta auto-dação pela qual tudo pode acontecer, onde a própria Vida se dá, seja ao acontecer ou ao (se) conhecer. Isto acontece de tal maneira que o movimento da Vida é de uma extrema passividade, uma vez que é no Si-mesmo desta Vida que ela (se) sofre. É um movimento reflexivo, mas não em sentido mental ou intelectual. Ao contrário, é simplesmente enquanto flexão sobre si mesma. A Vida é, pois, este movimento que se doa em si mesma, que é passiva em si mesma. É nesta autoafeção da Vida que a carne é o elemento pelo qual podemos cruzar a invisibilidade deste sentir-se a si mesma com o afetar-se e sentir-se afetado.

O Si pelo qual a Vida se doa é um Si encarnado. Não um corpo formado no mundo da existência, mas uma carne originária. Carne desde o Verbo, como faz uso Michel Henry do prólogo do Evangelho de João.<sup>21</sup>

No limo da terra, há somente corpos, nenhuma carne. Algo como uma carne só pode advir e nos advém do Verbo. [...] Donde] se explicam todos os caracteres de uma carne- o fato antes de tudo, o pequeno fato de que ela é sempre a carne de alguém [...] de modo que carrega em si um "eu" mergulhado nela, e que não tem tempo de separar-se dela, assim como não pode se separar de si mesmo.<sup>22</sup>

A carne de que Henry nos fala está aquém de todo *logos*, antes mesmo de qualquer significação ou intencionalidade, justo onde a Vida em sua Ipseidade

padece e se regozija em sua própria passividade.

### Da intriga à contradição fecunda

Ao propormos uma relação entre Merleau-Ponty e Michel Henry não buscamos uma compreensão acertada que possua os dois elementos para chegarmos até um meio termo entre as diferentes compreensões. De maneira geral, as possibilidades que se abrem da experiência filosófica de cada um permanecem preservadas daquele momento em que nós pretendemos pô-las em síntese. A travessia pela qual acontece os temas da carne e do corpo nestes filósofos, antes de tudo, torna-se aquilo que Merleau-Ponty chamou de uma "contradição fecunda"<sup>23</sup> contra toda forma de menosprezo, pessimismo ou até ceticismo frente às compreensões filosóficas que não são redutíveis em uma síntese.

Se nos colocamos a pensar desde a fenomenologia da Vida de Michel Henry, temos que a passividade é o movimento primordial de onde a Ipseidade original pode acontecer (e acontece), em um sentir-se, sofrer-se e doar-se a si mesma. Este é o movimento original da Vida quando se percebe desde um Si. Este Si que se reconhece no acusativo (me) e que também se entende enquanto potência de algo, o *eu posso*. É somente neste instante que o corpo pode aparecer, uma vez que a associação do *Ego* está mundanizada em seu movimento de querer algo. O fato de existir a instância do *eu posso*, considerando o desejo para além de si mesmo, só pode acontecer porque é requerido um corpo para sua experiência desiderativa de poder.

De outro lado, o pensamento *imundo* de Merleau-Ponty aponta para o fato de que acontece na existência, ou no mundo, um quiasma de onde se pode entender a carne desde seu sentido ontológico como carne do mundo. Ao se tratar de um quiasma, é inevitável que o movimento estabelecido não seja o de uma passividade absoluta, mas sim de uma atividade na passividade

<sup>20</sup> HENRY, M. *Encarnação* – Uma Filosofia da Carne. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 128.

<sup>21</sup> Segundo a teologia cristã, sobretudo a partir do texto joanino, onde o Verbo (*Logos*) se fez carne (*Sarx*).

<sup>22</sup> HENRY, M. *Encarnação* – Uma Filosofia da Carne. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 31.

<sup>23</sup> MERLEAU-PONTY, M. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Tradução de Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 52.

e de uma passividade na atividade. Se a carne é o estofado de Ser, o meu interior e o meu exterior não são separáveis pois estão sob sua condição última de inseparabilidade. Se o meu dentro é o seu fora, seu dentro se torna também o meu fora. Subjetividade e alteridade, ou ainda, subjetividade e mundo, se entrelaçam na experiência do existir, um atravessado e atado ao outro.

Michel Henry tece críticas a Merleau-Ponty justamente neste fato de que a carnalidade é tomada por algo do mundo. Para o filósofo,

Contra toda lógica, Merleau-Ponty lê aí [na relação tocante/tocado], no entanto, a desqualificação dessa estrutura oposicional entre o que constitui e o que é constituído. E isso porque, de modo sub-reptício, mas também completamente ilegítimo, procedeu à *extensão do mundo inteiro dessa relação tocante/tocado, características do corpo próprio e que não se produz jamais senão nele*.<sup>24</sup>

Torna-se inconcebível desde a filosofia de Michel Henry qualquer extensão sobre o mundo de uma relação primordial como a do tocante/tocado, ou até do visível/invisível. Para este filósofo, não está no sensível do corpo próprio merleau-pontiano a originariedade da qual a carne está atada. Se Merleau-Ponty ainda faz alguma espécie de "Metafísica do Sensível", seu erro acontece porque "não é possível distanciar-se do sentir-se a si mesmo como corpo imanente, para poder sentir a partir dessa relação intencional com o mundo do sensível".<sup>25</sup>

Se uma filosofia se propõe a pensar o corpo e a encarar-lo desde sua mais ampla expressão, não pode haver distanciamento de si a Si-mesmo ou, em outras palavras, não está na relação com o sensível do mundo o sentir primordial do corpo. O corpo, segundo Henry, deve estar compreendido dentro da dinâmica mesma da autoadoção da Vida originária, e não se ausentar

de sua condição de doado desde tal Ipseidade.

É possível entender este ponto se colocamos a análise do corpo henryano em paralelo à compreensão do Ego. Para Henry, acontece certa ilusão transcendental do Ego à medida em que reconhecendo-se como *eu posso*, o Ego toma tal poder como primordial e radical. "Ilusão pela qual esse Ego se toma pelo fundamento de seu Ser".<sup>26</sup> Dito isto, o corpo também não deve se esquecer de sua condição mais primária: ele é encarnado, é um corpo de carne.

A análise do corpo jamais poderá tornar-se a de nossa carne e o princípio, um dia, de sua explicação; ao contrário: só a nossa carne nos permite conhecer, nos limites prescritos por essa pressuposição incontornável, algo como um "corpo".<sup>27</sup>

O corpo na filosofia de Michel Henry está atado ao Ego, mas não deve ser entendido como algo errôneo ou mesmo mau. Se o corpo é doado no movimento passivo da Ipseidade original, ele é constituído desde a Vida originária, sendo parte desta mesma doação. É por isso que, para Henry, o corpo é subjetivo, é corpo encarnado subjetivo. "A subjetividade constitui-se a partir do conteúdo que o Si encarnado revela aqui e agora, no instante. Sendo assim, não existe a possibilidade de separar concretamente o ser do Ego do corpo".<sup>28</sup>

Cabe lembrar agora da nova ontologia de Merleau-Ponty, onde a carne é entendida como *arché*, coisa geral ou estrutura do Ser. A situação básica descrita pelo filósofo ao eleger a carne é o fato de que há uma reversibilidade inerente à própria carne, enquanto Ser. Se antes o corpo-próprio assumia uma primazia na relação com o mundo, em *O Visível e o Invisível* a carne se traduz enquanto deiscência,<sup>29</sup> maneira de ser geral.<sup>30</sup>

Com isso, seguindo o pensamento de Merleau-Ponty, é possível entender o corpo desde sua

<sup>24</sup> HENRY, M. *Encarnação – Uma Filosofia da Carne*. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 169. grifo do autor.

<sup>25</sup> RIBEIRO JÚNIOR, N. Sensibilidade e Carnalidade: entre Michel Henry e Merleau-Ponty. In: *Corpo e Afetividade. Colóquio Internacional Michel Henry*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017. p. 171.

<sup>26</sup> HENRY, M. *Eu sou a Verdade – Por uma Filosofia do Cristianismo*. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2015. p. 200.

<sup>27</sup> HENRY, M. *Encarnação – Uma Filosofia da Carne*. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 14. grifo do autor.

<sup>28</sup> GRZIBOWSKI, S. D. Fenomenologia do corpo em Michel Henry: uma leitura a partir da imanência subjetiva. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria, RS, v. 10, n. 1, p. 57. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/36638>. Acesso em: 31 out. 2019.

<sup>29</sup> MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. Tradução de José Artur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971. p.148.

<sup>30</sup> MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. Tradução de José Artur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971. p.143.

passibilidade diante da carnalidade do mundo, uma vez que é uma reversibilidade que se desvela enquanto Ser.

De fato, enquanto corporeidade mantém-se com a carnalidade uma afinidade sensível porquanto imerso nela, a corporeidade a sente por dentro. Sente-se que a carne me afeta e me permite ser visto e ser tocado pelo mundo que me constitui apesar de mim, para além de mim.<sup>31</sup>

Se, pois, a carnalidade mantém este estofamento geral donde emerge o corpo próprio e os outros corpos, a passividade é também um constituinte do pensamento de Merleau-Ponty. Mas uma passividade que se detém sob a arcada da reversibilidade, do momento em que a carne do mundo constitui um corpo e a carne de um corpo nos abre ao mundo. No entrelaçamento dos corpos, a afetação possível se dá na carnalidade do mundo e, assim, os outros corpos me afetam tanto quanto eu também posso afetá-los.

Ainda uma vez: a carne de que falamos não é matéria. Consiste no enovelamento do visível sobre o corpo vidente, do tangível sobre o corpo tangente, atestado sobretudo quando o corpo se vê, se toca vendo e tocando as coisas, de forma que, simultaneamente, como tangível, desce entre elas, como tangente, domina-as todas, extraindo de si próprio essa relação, e mesmo essa dupla relação, por deiscência ou fissão de sua massa.<sup>32</sup>

É de se notar a distância que se estabelece entre os dois filósofos. De um lado, Merleau-Ponty em uma filosofia completamente *imunda*, onde a carne ataca e entrelaça toda espécie e generalidade de ser, desde sua relação como quiasma. De outro lado, Michel Henry que separa o mundo em função da Ipseidade Original da Vida, pensando a sua passibilidade possível na encarnação de um corpo subjetivo, afetada no *pathos* original.

### Considerações finais

Postos *vis-à-vis* os dois filósofos, à guisa de conclusão, podemos evocar justamente esta relação com o mundo que se estabelece nos corpos e na carne. De um lado, a filosofia de

Merleau-Ponty que resgata o mundo natural e cultural como a instância possível do nosso existir. Por outro lado, Michel Henry busca na anterioridade do fenômeno (e do mundo) a origem de tudo o que possibilita o existir: a Vida originária. O fato de colocarmos um filósofo frente ao outro acusa o fato de que o tema da carne – e de uma encarnação, não se trata apenas de um interesse teológico. A filosofia mesma requer esta compreensão quando a ontologia e a fenomenologia são vistas com olhar crítico, onde a carne pode ser entendida como estrutura de Ser ou como a doação da Vida. A contradição das diferentes posições filosóficas se torna fecunda no momento em que o debate sobre a carne não se encerra em tais posições opostas.

Nos limites de uma pré-compreensão filosófica, quando o adágio popular acerta em dizer que «a carne é fraca» isto não acontece por qualquer espécie de pecado ou submissão de uma inteligência reflexiva. É, antes, porque a carne se (nos) constitui no elemento primevo que há em nossos corpos. A fraqueza da carne não vem da oposição à força do pensamento, mas desta fragilidade que se inaugura quando a carne é nossa entranha mais profunda e viva, ali onde ela pulsa e (se) sofre.

Uma carne *ex-posta* desde sua origem ou em função dela é, certamente, uma filosofia entranhada naquilo que temos de mais próprio, seja porque somos afetados nela, seguindo Michel Henry; ou porque a carne é nosso estofamento de Ser, como pensou Merleau-Ponty. E a fecundidade do pensamento de Michel Henry e de Merleau-Ponty só evidencia o quanto ainda é labor filosófico entranhar-se nesta (nossa) realidade encarnada.

### Referências

CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DUPOND, P. *Vocabulário de Merleau-Ponty*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

<sup>31</sup> RIBEIRO JÚNIOR, N. Sensibilidade e Carnalidade: entre Michel Henry e Merleau-Ponty. In: *Corpo e Afetividade. Colóquio Internacional Michel Henry*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017. p. 178.

<sup>32</sup> MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. Tradução de José Artur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 141.

GRZIBOWSKI, S. D. Fenomenologia do corpo em Michel Henry: uma leitura a partir da imanência subjetiva. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria, RS, v. 10, n. 1, p. 53-61, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/36638>. Acesso em: 31 out. 2019.

HENRY, M. *Encarnação – Uma Filosofia da Carne*. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2014.

HENRY, M. *Eu sou a Verdade – Por uma Filosofia do Cristianismo*. Tradução de Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. *Conversas – 1948*. Tradução de Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MERLEAU-PONTY, M. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Tradução de Silvio Rosa Filho e Thiago Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. Tradução de José Artur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971.

RIBEIRO JÚNIOR, N. Sensibilidade e Carnalidade: entre Michel Henry e Merleau-Ponty. In: CORPO E AFETIVIDADE. COLOQUIO INTERNACIONAL MICHEL HENRY. Atas [...]. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017, p. 167-188.

---

### Paulo Henrique Carboni

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil.

---

### Endereço para correspondência

Paulo Henrique Carboni

Universidade Federal de Santa Maria

Programa de Pós-graduação em Filosofia

Av. Roraima, n. 1000, CCSH II, Prédio 74, 3º andar, sala 2308

Camobi, 97105-900

Santa Maria, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*